



O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO COMO POTENCIALIZADOR DA FORMAÇÃO DO SUJEITO POLÍTICO

Berenice Lurdes Borssoi - UFRGS¹

Resumo:

As discussões deste artigo são oriundas da pesquisa de mestrado, que investigou a configuração dos estágios curriculares supervisionados pós DCNs da Pedagogia, e as implicações desta normativa a formação do Pedagogo. O texto objetiva discutir a dimensionalidade formativa dos estágios, diante a forte presença da qualificação de caráter mais técnico/profissional na formação dos professores/pedagogos, e o enfraquecimento da formação política. As bases sustentadoras dessa perspectiva implícitas nas reformas curriculares advêm das agências multilaterais, influenciada por princípios neoliberais. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e entrevista realizada com professores universitários. Nesse sentido a preocupação com um ensino universitário, a fim de que a perspectiva ético-política integre tais dimensões, diante uma sociedade marcada pelo individualismo, consumismo, e isolamento. Além de sua finalidade que é inerente, acredita-se que o estágio pode contribuir para intensificação essa dimensionalidade.

Palavras-chave: Diretrizes curriculares, estágio, formação ético-política.

INTRODUÇÃO

Legalmente, o estágio curricular supervisionado (ECS) é considerado um componente fundamental no ensino superior. Na verdade, ele demonstra a relação entre as intenções de formação e o campo social/profissional, além de se constituir como prática investigativa. “Traduz as características do projeto político-pedagógico do curso, de seus objetivos, interesses e preocupações formativas, traz ainda a marca do(s) professor(es) que orienta(m), dos conceitos e práticas por ele(s) adotados” (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 113).

As discussões levantadas neste artigo são oriundas da pesquisa de mestrado desenvolvida na linha *Universidade: teoria e prática*, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que buscou analisar a (re)configuração dos estágios curriculares supervisionados pós as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) da Pedagogia – Resolução n°. 1/2006 – e as implicações desta normativa à

¹ Pedagoga. Mestre em Educação pela UFRGS. Pesquisa: “A política de reformulação do Curso de Pedagogia e o Estágio Curricular Supervisionado: fragilidades e possibilidades na formação do Pedagogo. Bolsista CNPQ.

formação do pedagogo. Partindo desses elementos investigativos, introduziu-se um debate constituindo uma das categorias temáticas emergentes, que originou o quinto capítulo dissertativo, denominado *'Tecendo a formação política no processo do estágio curricular supervisionado na universidade'*. Tendo compromisso público-político com a educação, este texto objetiva discutir a dimensionalidade formativa do estágio, apostando em possibilidades que vão além da aquisição de competências e habilidades profissionais, conforme descritas nas entrelinhas da política curricular brasileira de ensino superior, que implicitamente trás referência a outras propositivas de profissionalização que valoriza, sobretudo, os princípios de mercado - individualismo, aligeiramento, flexibilidade e formação multifuncional, às vezes esvaziada das dimensões humana, ético-política, de cuidado com o *outro* e com o *mundo*.

Nesse sentido, questiona-se: Os estágios curriculares supervisionados nos cursos de graduação contribuem para quê dimensão formativa? O que predomina? A dimensão científica, técnica, profissional e pedagógica (licenciaturas), e/ou a ético-política?

A metodologia usada para elaboração deste texto foi a pesquisa bibliográfica e fragmentos de falas dos professores entrevistados da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Francisco Beltrão, a respeito da dimensionalidade formativa do/no estágio na formação de professores/pedagogos. Na realização da pesquisa de mestrado utilizou-se do método de *estudo de caso*, de *natureza qualitativa*, tendo como técnica de coleta de dados a investigação documental e entrevistas com professores universitários. A abordagem qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, além das intencionalidades, dificilmente traduzido em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2010, p. 21). O procedimento de análise dos dados foi *análise de prosa/análise de conteúdo*.

O ECS como parte integrante do currículo universitário propicia aproximação com campo de atuação profissional, a realidade social/educacional, como forma de vivenciar e experienciar os aspectos que envolvem seu trabalho, tem papel fundamental na relação teórico-prática e investigação, e se constitui como um processo avaliativo da proposta de formação. Além disso, a prática do estágio possibilita ao estagiários a conscientização social/política de sua atuação, de se sentir pertencente no processo de construção histórico-social, desde que tenha essa intenção. Portanto, o estágio não se constitui apenas pelo caráter teórico-prático de sua profissionalização, mas possibilita a conscientização da dimensão que envolve seu trabalho. Por exemplo, o graduando em pedagogia, o estágio pode proporcionar a conscientização do trabalho docente e gestorial como prática social/educativa, na constituição do “outro” enquanto humano e do mundo, seja em âmbito escolar e/ou não-escolar.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO COMO POTENCIALIZADOR DA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: QUE DIMENSIONALIDADE FORMATIVA?

Etimologicamente, “a palavra *formação*, vem do latim *formare*, que, como verbo transitivo, significa dar forma; como verbo intransitivo, significa colocar-se em formação e, como verbo pronominal, significa ir-se desenvolvendo uma pessoa”. O dicionário considera o termo “‘o ato ou modo de formar’ e formar significa dar forma a algo; ter a forma, pôr em ordem; fabricar; tomar forma, educar” (VEIGA, 2010, p. 19). Deste ponto de vista, “a formação é contínua, vinculada à história de vida dos sujeitos em permanente processo de formação, que proporciona a preparação para a vida pessoal e profissional” (Idem, p. 20). Porém, há intencionalidades nesse processo formativo, seja ele formal ou informal.

As reformas educacionais brasileiras foram influenciadas pelas propostas educativas das agências multilaterais, que valorizam as competências e habilidades, como pode ser visto nas entrelinhas das DCNs para os cursos de graduação (exemplo, a Pedagogia). É preocupante a forte presença destas, e a ausência de princípios que fortaleçam a formação política do sujeito e valorização do mundo público numa sociedade marcada pelo presentismo, individualismo, consumismo e isolamento. Nesse sentido a introdução deste debate, que busca intensificar também nos estágios a formação do sujeito político.

Pela análise realizada das DCNs da Pedagogia, observa-se que elas estão assentadas pelo empobrecimento da dimensão ético-política de base sólida e consistente para a formação do pedagogo, diante da horizontalidade formativa. Essa política curricular concebe uma formação plural, uma proposta de multi-formação, levando a desqualificação do pedagogo dependendo da abrangência dos campos de atuação e formação que a instituição oferecer, tendo assim conseqüências, como, por exemplo, no aprofundamento teórico-metodológico.

A horizontalidade das diretrizes dificultou a concretização por parte das instituições de ensino superior a organização de suas propostas formativas, as quais foram impelidas a capacidade criativa e salvadora, induzidas fortemente pela qualificação científica, técnica e profissional. Nessas definições de proposta curricular, encontram-se os estágios, os quais são submetidos, muitas vezes, numa lógica instrumentalizadora da prática, por mais que no PPP e ação dos docentes universitários induzem outras intencionalidades.

No Curso de Pedagogia da Unioeste de Beltrão, as disciplinas de ECS, sobretudo no 3º e 4º anos, além de outras, são embasados pela perspectiva investigativa, ética e política, conforme tabela 1. Porém, muitos professores entrevistados afirmam que a dimensão técnica se sobressai.

Tabela 1. – Configuração das Disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e Características
Projeto Político Pedagógico/2008 – Curso de Pedagogia – UNIOESTE, Campus Francisco Beltrão/PR.

Disciplinas de Estágio Curricular	C/H	C/H	C/H	Características
	Total	Teórica	Prática	
Prática de Ensino e Pesquisa sob Forma de Estágio Supervisionado I	136	68	68	Aproximação da função social da escola/trabalho docente. Pesquisa.
Prática de Ensino e Pesquisa sob Forma de Estágio Supervisionado II	136	68	68	Contexto da Organização do trabalho Pedagógico e Gestão Escolar. Pesquisa.
Prática de Ensino e Pesquisa sob Forma de Estágio Supervisionado III	226	136	90	Dimensão ética, política e técnica da prática pedagógica Educação Infantil. Pesquisa.
Prática de Ensino e Pesquisa sob Forma de Estágio Supervisionado IV	226	136	90	Dimensão ética, política e técnica da prática pedagógica Ensino Fundamental, anos iniciais. Pesquisa.
Subtotal	724	408	316	

Fonte: Resolução CEPE n°. 374/2007 - UNIOESTE, PPP, 2008. Elaborado pelo autor.

Sophia afirma que o curso buscam a dimensão crítica e investigativa no ECS, porém na prática isso é indesejável. A perspectiva crítica se refere à conscientização do sujeito em formação da importância de seu trabalho docente e da educação como processo da prática histórico-social, perpassado pelo princípio ético-político. Nesse sentido, a formação deve promover um olhar vasto da realidade social em todos os aspectos na qual a educação está inserida.

A proposta dos estágios no Curso de Pedagogia da Unioeste Beltrão é clara quanto a uma concepção de estágio/prática de ensino como pesquisa, no sentido de problematizar a realidade escolar, educativa e social, diz Sophia, e acrescenta: “[...] a gente tem esse propósito, mas uma coisa é tentar entender enquanto organização curricular, como a gente consegue dar conta, ele ainda, a gente ainda está voltada para formar o profissional” (2011, p. 8). O envolvimento com os diversos campos de formação e atuação ajudam no esquecimento de outras dimensionalidades que são inerentes ao trabalho docente/gestor.

Manuela declara que a dimensão prática (técnica) no estágio ainda é fortemente presente nos cursos.

Por mais que a gente discuta, que a gente tenta muda, que enfim, há uma fundamentação teórica, a análise da prática é fundamentada teoricamente, uma exigência disso por parte dos orientadores, mas acho que infelizmente ainda está nessa dimensão de prática. E por sinal a preocupação de fazer o plano de aula, de ser aplicado, ainda é o “carro chefe”, não que esteja correto, mas ainda é historicamente, uma coisa historicamente colocada desde o início do Curso de Pedagogia, no curso de formação de docentes em geral, que ela permanece. Ainda é assim, e os alunos acabam sim direcionando seu olhar para a prática, a sala de aula. (MANUELA, 2011, p. 11)

Outro depoente afirma que a dimensão formativa no estágio dependerá do agir docente, de sua formação inicial (graduação) e sua concepção teórica. Arthur levanta a questão de que o estágio era visto com certo preconceito, “*penduricalhos*” de carga horária do docente, onde os professores resistiam ao trabalho realizado, mas com o tempo houve uma evolução positiva dele no curso, talvez pela sua concepção de pesquisa, que no seu entender necessita ser aprofundado “*porque aí os dados coletados no estágio vão tensionar, tensionar os conceitos estudados no curso, ou como esses conceitos vão analisar esses problemas, e aí que tivessem reflexões, debates [...]*” (ARTHUR, 2011, p. 8).

Beatriz declara que o estágio está fundamentado pela pesquisa, reflexão, debate, por uma visão mais crítica além da técnica-pedagógica, mas a ação docente nesse processo é fundamental. “*Como eu disse, não é só o que está no papel, que o papel recebe tudo, mas como que o corpo docente do curso de Pedagogia se articula para que essa proposta, essa intenção de Pedagogo se efetive*” (BEATRIZ, 2011, p. 12).

As intenções do curso são pela perspectiva crítica no ECS, não por uma formação sustentada fortemente pela ética e política, embora esteja explícito nas ementas das disciplinas, mas crítica pelo viés da *pesquisa*, da problematização, de um olhar mais atendo aos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que interferem na educação, embasado teoricamente. Mas isso está atrelado ao envolvimento e comprometimento dos professores.

Júlia e Isabella também destacam essa questão junto a diversidade formativa dos professores, ao dizer que o colegiado

[...] é caracterizado pela diversidade de formação, de perspectiva política, de concepção de homem, de sociedade, etc., e isso tem uma influência direta por mais que você construía um PPP que de repente você olhando lá, mas ele tem, isso vai ter influência, vamos dizer assim, no envolvimento com as atividades do curso, isso vai ter influência principalmente na disciplina que cada professor é responsável. (ISABELLA, 2011, p. 9-10)

Como ele está estruturado e talvez pela característica do nosso colegiado, eu acho que na formação, a intenção desse profissional é mais crítico - a intenção. *Agora da intenção a efetivação o espaço é longo*. Mas, às vezes tu vês nos estágios uma característica instrumental, aquela seqüência de atividades. Eu esperava que não fosse nem tanto um, nem tanto o outro, mas que tivesse as duas coisas, porque a ideia de fazer o sujeito crítico participativo, mas [...] tem que ter uma questão instrumental, eu sou meio conservadora acho que tem que ser criativo, *mas tem que ter formas de fazer [...]*, seria bacana se a gente conseguisse essa conjugação de forma e conteúdo. (JÚLIA, 2011, p. 11-12) [grifo nosso]

Júlia levanta a preocupação quanto ao sujeito “*político esvaziado*”. Propõe a ideia de articulação da perspectiva técnica/profissional (instrumental) com a perspectiva política. Aquilo que Saviani (2008, p. 142) afirma “[...] sem competência técnico-política não é possível sair da fase romântica”. Acrescenta também a dimensão ética e estética.

Ética porque sedimenta as relações, seja as relações dele com o aluno, dele com os colegas, dele com o trabalho coletivo, dele com as possibilidades de estudo, dele com a comunidade, com os pais, então uma ética, pensando ética nesse sentido que sedimenta das relações. E *estética*, que tenha esse sentido de uma paixão que atravessa o conviver assim, que é o que um sociólogo fala, acho bacana, que é o Maffesoli, que tem essa estética, essa paixão, esse sentimento de se jogar para o outro, mas aí jogar-se para o outro implica o reconhecimento do outro. (JÚLIA, 2011, p. 12).

A percepção de Miguel é que o ECS ainda está influenciado pela dimensão prática, instrumental. Isso tudo pelas características formativas dos próprios professores, acadêmicos, e principalmente da região que comporta a universidade. Devido a condições estruturais de trabalho, ausenta-se uma cultura política mais participativa, o que influencia fortemente o ensino superior, um exemplo, são os eventos de semana acadêmica.

Eu diria sem sombra de dúvida, no meu modo de ver, mais instrumental. Eu acho que passa pelos elementos que eu já comentei, [...] de formação dos professores que nós temos aqui no Colegiado, não de formação, o curso de origem e talvez a própria característica dos profissionais. Acho que as características dos acadêmicos também, as características regionais aqui também, tem uma características regional aqui muito diferenciada de outros locais, por exemplo, de onde eu vim. Aqui eu vejo que o pessoal vem estudar, vem de fora, estuda e volta, vem de ônibus estuda e volta, aí trabalha no outro dia, num outro município. *Qual é a condição também desse sujeito de ter uma participação, um envolvimento maior com pesquisa, com extensão, com participação política, participar de evento?* (MIGUEL, 2011, p. 10)

O professor acredita que essa formação mais instrumental que sobrevaloriza a prática - *o saber fazer* - é fruto da própria organização social que interfere as práticas educativas em âmbito universitário – *“a gente tem uma linearidade do ponto de vista social, não tivemos grandes movimentos que mudasse muita a direção da sociedade, e das pessoas dentro dessa sociedade”* (MIGUEL, 2011, p. 10). Afirmou a necessidade de resgatar a formação política e a questão ética, dizendo que há uma crise de valores que atinge a todos – *“de pensar no próprio umbigo”*, estamos passando um momento histórico que é marcado pelo esvaziamento dessa formação e *“vivemos pro imediato”*.

Isabella reafirma que o curso/estágio busca formar o pedagogo mais crítico. O caráter instrumental, técnico não dá conta por si só.

Existe essa intenção, essa busca de formar um profissional mais crítico, acho que tem essa busca sim, acho que no nosso Colegiado é uma coisa que existe sim, e conhecendo o trabalho dos colegas, o compromisso, a gente vê isso, o que a gente tenta fazer é formar esse aluno, esse professor mais crítico. Acredita-se também que formando esse profissional mais crítico ele vai ter maiores condições e maior compromisso, vamos dizer assim, em lidar com os instrumentos que o curso lhe permite pra trabalhar com as crianças, o que só o instrumental não te possibilita. (ISABELLA, 2011, p. 9)

Na opinião de Maria Eduarda, mesmo vendo que todos os professores buscam essa dimensão mais crítica, ainda “*está um pouco frágil, que é o nosso repensar em aquilo que fizemos ou olhar e revisitar o estágio. Acho que a gente precisa avançar um pouco mais, em todos os sentidos*” (2011, p. 9). Já Giovanna acredita que a dimensão mais crítica no estágio curricular na formação do Pedagogo deixa a desejar. Ele é visto pelos acadêmicos como “*cumprir horas*”.

Sem dúvida, instrumental, porque eu creio que uma formação mais crítica ele deixa a desejar. Me parece que o estágio tem que ser realizado, porque ele está na carga horária, porque ele é uma prática do curso, porque tem que cumprir horas, pra poder ter o diploma. Muito mais do que se pensar uma atuação do aluno, num primeiro olhar dele se sentindo como profissional da educação e sabendo que após ele terminar o curso esta é a bagagem que ele vai levar pra aprimorar durante a sua experiência profissional. Então, o estágio acaba sendo um cumprir deveres. (GIOVANNA, 2011, p. 7)

Segundo Davi “*os que fazeres*” dominam a perspectiva do estágio. A sociedade e a própria escola cobram essa tendência ao prático. Ele chama atenção para a perda da formação teórico-metodológica dos cursos de Pedagogia, devido essa concepção, onde o instrumental é mais preponderante.

Embora a gente afirme que se tem uma preocupação mais crítica, eu diria que ele acaba se constituindo mais numa perspectiva instrumental, ou seja, “*os que fazeres*”. Há uma demanda da própria sociedade, da própria escola no sentido dos “*fazeres*”, uma tendência ao prático. Então, o instrumental parece-me que acaba se tornando mais preponderante. (DAVI, 2011, p. 7)

Davi ressalva ser fundamental o resgate dos conhecimentos teórico-metodológicos na formação do Pedagogo, a fim de afastar a perspectiva instrumental na profissionalização dos professores, bem como na própria educação básica. Declara que o modelo econômico neoliberal contamina as instituições educativas, minimizando sua importância. O que está acontecendo é um ajustamento dos PPPs/currículos nessa lógica de mercado, e com o Curso de Pedagogia não é diferente. Isso favorece a formação à distância, e mais, um empobrecimento na formação desses profissionais, e havendo isso nossas futuras gerações estão à mercê de uma formação consistente e sólida, quem dirá de uma formação política, humana e ética (DAVI, 2011).

Gabriel confessa que o ECS

[...] está de certa forma mais crítico no sentido de pouco abstraído no âmbito da realidade, e se a gente quer caracteriza a instrumentalização uma qualidade dele se inserir em termos, por exemplo, de planejamento, de constituir planos educativos, processos de ensino. Eu acho que essa dimensão instrumental está sendo construída por eles e o curso está dando elementos e que isso está numa esfera de autonomia muito forte pros nossos alunos. Eu acho que o nosso curso ele não está conseguindo casar esses elementos instrumentais com essa dimensão crítica, ele consegue em

alguns processos, mas na sua completude em termos que a gente gostaria não, que seria importantes, dá o básico para a formação do Pedagogo. Mas ao mesmo tempo eu acho que nós estamos deixando vácuos. (GABRIEL, 2011, p. 11-12)

Na visão de Gabriel o curso não está dando conta de integrar os elementos instrumentais do estágio com a dimensão mais crítica. Afirma que o curso está deixando vácuos na formação. Entende-se que um desses vácuos se refere à formação ética e política.

As falas dos depoentes demonstram a existência de certa fragilidade no ECS quanto à integração da dimensão ética e política. Tanto as leituras teóricas como os dados empíricos leva a uma reflexão mais aprofundada dessa questão no curso como um todo, de pensar essas outras dimensões, mesmo diante da multiformações fixada pelas diretrizes da Pedagogia, que sobrevaloriza a formação científica, técnica e profissional.

Há conscientização por parte dos professores entrevistados do enfraquecimento da formação humana, ética e política no estágio, e na formação como um todo, resultado da ênfase na formação profissional. Nesse cenário, nota-se a capacidade criativa e salvadora das IES na elaboração de seus projetos tendo que criar “*tempo-espaco*” para outras dimensões. Acredita-se que para vislumbrar a integração de todas essas dimensões que são inerentes a formação dos professores/pedagogos, é preciso quebrar certa cultura pedagógica de que o Curso de Pedagogia precisa habilitar pra inúmeros campos de atuação, e criar hábitos do sentido da participação no mundo público.

Como declara Lipovetsky (2004), “uma das conseqüências mais perceptíveis do poder o regime presentista é o clima de pressão que ele faz pesar sobre a vida das organizações e das pessoas”. Estamos num “*ritmo frenético*” que domina os currículos formativos, em tempos de concorrência globalizada com mais e mais exigências de resultado em curto prazo, “fazer mais no menor tempo possível, agir sem demora: a corrida da competição faz priorizar o urgente à custas do importante, a ação imediata à custa da reflexão, o acessório² à custa do essencial” (LIPOVETSKY, 2004, p. 77).

Não é duvidoso que nesse contexto de valorização técnica/profissional se expande em competências profissionais que dêem conta das inúmeras tarefas, dentro desse tempo reduzido e escasso. Pensa-se que é preciso apostar numa formação do pedagogo menos abrangente, dentro desse *tempo* instituído, de forma ainda mais qualitativa, sólida e consiste integrada a ético-política. Fernandes (2011) chama atenção quanto aos jargões que sobrevalorizam certos conhecimentos nas DCNs tornando-os em

² Saviani (2008, p. 67) ressalta em sua avaliação que as DCNs da Pedagogia “são ao mesmo tempo, extremamente restritas e demasiadamente extensivas: *muito restritas no essencial e assaz excessivas no acessório*. [grifo nosso]

[...] um bem de utilidade imediata, de ascensão social, de mercadoria, e é renominado em vários sentidos: competências, habilidades, valores, interação com o meio, acúmulo de informações, sociedade do conhecimento, perfil profissional, perfil profissiográfico, produto final, solidariedade, cidadania. Enfim, palavras/expressões que aparecem como jargões no discurso oficial e que estão presentes nas Diretrizes Curriculares dos cursos como indicadores de inovação, de inserção na realidade, de conhecimento interdisciplinar, dentre outros (FERNANDES, 2011, p. 64-65).

Diante esse meio de disputa de conhecimentos, é preciso preservar a especificidade do ECS como processo formativo do sujeito, que possibilite uma consciência crítica em contato com a esfera pública. Não pode ser considerado somente articulador teórico-prático, experiência profissional, aproximação da realidade social/educativa, prática investigativa, mas como um eixo integrador de todo o curso. Além disso, permitir a participação efetiva do acadêmico no meio social/educacional como profissional pertencente e comprometido com a constituição histórica da sociedade e do “outro” - seres humanos – seu sentido político.

O estágio não está desconectado do conjunto formativo do curso. Por isso, o ensino superior visa atingir três objetivos: a) a formação de profissionais das diferentes áreas aplicadas, mediante o ensino/aprendizagem de habilidades e competências técnicas; b) a formação do cientista mediante a disponibilização dos métodos e conteúdos de conhecimento das diversas especialidades do conhecimento; e c) a formação do cidadão, pelo estímulo de uma tomada de consciência, por parte do acadêmico, do sentido de sua existência histórica, pessoal e social. Ele precisa entender sua inserção não só na sociedade concreta, mas também no seio da própria humanidade. Isto é, “trata-se de despertar no estudante a consciência social, o que busca fazer mediante uma séria de mediações pedagógicas presentes nos currículos [...] e na interação educacional que, espera-se, ocorra no espaço/tempo universitário” (SEVERINO, 2007, p. 22).

As DCNs da Pedagogia têm forte presença da qualificação de caráter mais técnico na formação dos professores/pedagogos, esvaziada pela formação política. As bases sustentadoras dessa perspectiva advêm de princípios das políticas neoliberais, desde a LDB n° 9.394/96, encabeçada pela por propostas internacionais de educação, desenvolvidas por agências multilaterais³, que privilegiam as competências/habilidades. A tendência neoliberal iniciada em 1994 a 2002 foi marcada por medidas econômicas de internacionalização e valorização do mercado. Por mais que se passou de um regime político oposto a

³ UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; OCDE - Organização Internacional e Intergovernamental dos países mais industrializados da economia do mercado; Banco Mundial - Agência internacional que financia projetos na educação em diversos países com o objetivo de desenvolvimento e erradicação da pobreza, entre outros; OMC - Organização Mundial do Comércio, que discute normas sobre o comércio entre as nações.

supervalorização desses princípios, em 2003 com o governo Lula, de certo modo mantém-se tais propostas, devido às fortes alianças da década passada, presente no modelo educativo brasileiro (ARANHA, 2006), e nas entrelinhas das DCNs.

As políticas educacionais estão aprisionadas a tal tendência de profissionalização para o mercado de trabalho⁴ atendendo princípios de flexibilização, eficiência, eficácia, resolução de problemas, etc. Não que isso seja irrelevante, ainda mais num mundo marcado pela empregabilidade, contudo, estão atreladas ao enfraquecimento do sujeito político.

Essa tendência educativa influencia a forma como se constitui a sociedade, onde o que se projeta no campo educacional e formativo do sujeito se reflete no campo social, econômico e político, e vice-versa. Se a educação superior for baseada somente em qualificar o sujeito para atuar no mercado de trabalho, aprimorado pela perspectiva científica, técnica e profissional, e não para agir no mundo do trabalho, existirão profissionais que pensem e agem em benefício dessa tendência – individualismo, isolamento. Logo, os cursos se constituirão pela lógica de formação utilitarista, imediatista e sem suficiente base teórica. Agora, se for privilegiado uma formação mais abrangente, que integre aspectos científicos, técnicos e profissionais à dimensão humana, ética e política, terá profissionais que se comprometam em participar desse mundo público/mundo do trabalho - no sentido de agirem e pensarem em intervenção consciente e criativa enquanto seres humanos pertencentes da realidade com a qual entram em contato, realizando um trabalho coletivo.

De fato haverá uma real democracia, não por parte apenas do indivíduo, mas das próprias instituições sociais (particulares ou públicas), em prol de um mundo público mais humano, e de cuidado com o outro. Aquilo que Arendt chamou de *amor mundi*. Na medida em que as “instituições são vistas como meras técnicas instrumentais, é improvável que possam assegurar o tipo de adesão que garantiria a participação efectiva” (MOUFFE, 1996, p. 161).

Nesse sentido a preocupação com a intensificação da formação ético-política no ensino universitário, na preparação dos professores/pedagogos, onde esses contribuirão com a constituição da cidadania. Tendo como aporte teórico Arendt, falar em dimensão política

⁴ Rios (2011) chama atenção para a distinção, nem sempre reconhecida, entre *mercado* de trabalho e *mundo* do trabalho. *Mundo* do trabalho - “e a própria cultura humana, que resulta da intervenção consciente e criativa dos seres humanos na realidade com a qual entram em contato. É pelo trabalho que os seres humanos se constituem enquanto tal. E é pela maneira como, trabalhando, homens e mulheres produzem a sua vida, que se organizam as diversas formas de sociedade”. Por vivermos numa sociedade capitalista, o sentido *mercado* de trabalho ganha referência. “A sociedade capitalista se caracteriza pela divisão entre os indivíduos e grupos detentores dos meios de produção e indivíduos que vendem sua força de trabalho, entendida como esforço intelectual e manual. O mercado de trabalho é espaço de negociações, de embates, de competição, de exploração. E como todo espaço social, ‘e marcado por contradições” (RIOS, 2011, p. 87-88).

significa “*ação entre homens na construção de um mundo compartilhado: a política surge não no homem, mas sim entre os homens*” (COELHO, 2010, p. 142). Ela se configura como condição humana da pluralidade, a convivência com a diversidade, tendo como ponto essencial a preocupação com o mundo. Nesse sentido, a política pode ser compreendida como uma ação livre – seu sentido é de liberdade, por estar ligada a capacidade da ação, noção de começo. Todo o ser humano é livre para renovar e conservar o mundo.

É preciso apostar na dimensão política acoplada à ética como forma de conscientizar os homens, a fim de rediscutir os atos sociais, começando, por exemplo, com as práticas formativas do/no ECS. Ética e política exigem “a abertura, reconhecimento, diálogo e, portanto, presença do outro”, além do respeito e da responsabilidade, do vínculo, do cuidado e da tolerância (GOERGEN, 2011, p. 10). A educação formal parece enfraquecer-se dessas dimensões. Nas escolas e universidade ocorre

um esvaziamento das dimensões ético/políticas frente ao incremento da instrumentalização mercantilista/producionista da educação que assume valores do sistema e os consagra junto às jovens gerações como chaves da vida bem-sucedida, enaltecendo ou mesmo sacralizando o individualismo, o egoísmo, a competitividade, as vantagens e o consumo (GOERGEN, 2011, p. 11).

Este esquecimento é possivelmente reflexo da forma como a política é concebida, até mesmo esvaziada social e culturalmente, concebida com descrédito. Novaes (2007) evidencia alguns indícios do esquecimento da política, e acredita-se que isto se reflete também na formação universitária. Dentre eles, a privatização da vida que tece o individualismo, o esvaziamento do convívio social que impulsiona o consumo desenfreado e abre as portas para que os organismos internacionais controlem e regulem a economia mundial e as transformações tecnológicas, incidindo na concepção de educação e nos processos formativos. Tudo isso somado ao enfraquecimento da esfera pública e do debate político, naturaliza os processos sociais, dificultando assim, experiências coletivas e individuais que promovam a transformação. Portanto,

falar de fundamentos éticos e políticos da educação pressupõe assimilada na sua condição de prática humana de caráter interventivo, ou seja, prática marcada por uma intenção interventiva, intencionando mudar situações individuais ou sociais previamente dadas. Implica uma eficácia construtiva e realiza-se numa necessária historicidade e num contexto social (SEVERINO, 2006, p. 291).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dimensões discutidas ao longo do texto, fundantes do processo formativo universitário, dos professores/pedagogos – científica, profissional, técnica, política, ética e

estética - devem estar acompanhadas constantemente pela teorização crítica, de um agir comprometido com a constituição do humano, da sociedade, do mundo. A educação nesse sentido assumir a tarefa de ensinar com responsabilidade, percebendo que o sujeito se apresenta a ela como um duplo desafio; nova em um mundo estranho e em formação, e um novo ser humano, também em formação. Este peso de responsabilidade é aliviado pela esperança. Esperança que reside na natalidade, no fato de que novos (seres humanos) sempre estão a caminho e que o mundo está constantemente sendo renovado mediante o nascimento (ARENDRT, 2009; 2010). Acrescenta Arendt, que nossa esperança depende sempre do novo que cada geração aporta. Por esta razão investir em uma educação baseada em tais perspectivas, porque

uma sociedade de consumidores não é de modo algum capaz de cuidar de um mundo e de coisas que pertencem em exclusivo ao espaço de aparição no mundo, já que sua atitude central face a qualquer objeto, a atitude do consumo, implica a ruína de tudo o que ela toca (COURTINE-DENAMY, 2004, p. 171)

Ademais, a perigosa *unilateralidade* dilacera o homem valorizando exclusivamente seu lado material, produtor e econômico, deixando-o individualista e consumista, o que vem fortalecer certas ideologias. Portanto, “ao mesmo tempo em que a universidade deve produzir competentemente conhecimentos, ela não pode descuidar do olhar crítico, da reflexão acerca do sentido social daquilo que produz” (GOERGEN, 2003, p. 109). No caso do pedagogo, levá-lo a compreender que seu trabalho, seja como professor/gestor/pesquisador, exige certas habilidades/competências para a atuação teórica-metodológica e didática, específicas a cada nível de ensino, porém não pode se reduzir a isso, porque antes de tudo seu trabalho é com seres humanos, sujeitos dotados de liberdade e em formação para ação no mundo, que apesar de *estar fora dos eixos*, tem responsabilidade de cuidá-lo, recebendo os novos que chegam e preparando-os para agir no presente/futuro (ARENDRT, 2009).

Por este motivo a defesa da formação mais consistente com fundamentação científica, técnica, profissional, ética e política com base na perspectiva humanística, a se fortalecer também pelo processo de ECS. Como reafirma Guzzo (2011), uma formação com vista a essas dimensões e viabilizadora de uma prática pedagógica crítica e consciente, propicia ao pedagogo agir na ampliação da constituição de gerações conscientemente pensantes, a favor de uma cidadania efetivamente participativa, num mundo marcado pelo “*presentismo* assustador, que no seu discurso aponta um individualismo possessivo e exacerbado que nos amedronta, ao mesmo tempo, também pode nos mobilizar como militantes de um processo humanizante [...]” (FERNANDES, 2011, p. 59).

Portanto, tanto a análise documental quanto as falas dos professores universitários, juntamente a literatura teórica suscitadas na pesquisa de mestrado, sinalizam a fragilidade da formação política e ética, que resulta o individualismo, consumismo e isolamento. É preciso combater tais concepções que se fazem presentes no meio social e no cotidiano universitário, revitalizando uma cidadania efetivamente participativa, fortalecendo assim o sujeito político.

Acredita-se que o estágio curricular supervisionado no processo de ensino superior pode propiciar, mesmo sendo um espaço-tempo comprimido, ao acadêmico a percepção de sua responsabilidade com a formação do “outro” e do mundo, no caso do pedagogo. Esse período teórico-prática não é somente momento de adquirir competências, habilidades operacionais e instrumentais, de como ser um “bom” profissional, um “bom” professor/gestor. Mas, pautado pelo viés da pesquisa, possibilita ação conscientizadora do seu papel social/político no que se refere à educação das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. A crise da educação. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: perspectiva, 2009.
- _____. **A promessa da política**. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- _____. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BRASIL. CNE. **Resolução nº 1/2006**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Maio de 2006.
- COELHO, M. F. P. A política como liberdade em Hannah Arendt. In: **Filosofia ou Política? Diálogos com Hannah Arendt**. São Paulo: Annablume, 2010.
- COURTINE-DENAMY, S. Por amor ao mundo. IN: COURTINE-DENAMY, S. **O cuidado com o mundo: diálogo entre Hannah Arendt e alguns de seus contemporâneos**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- _____. A política como vir-a-ser-mundo. IN: COURTINE-DENAMY, S. **O cuidado com o mundo: diálogo entre Hannah Arendt e alguns de seus contemporâneos**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- FERNANDES, C. M. B. Formação de professores, ética, solidariedade e cidadania: em busca da humanidade do humano. IN: SEVERINO, F. E. S. (Org.) **Ética e Formação de Professores: política, responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOERGEN, P. Universidade e responsabilidade social. IN: LOMBARDI, J. C. (Org.). **Temas de pesquisa em educação**. Campinas/SP: Autores associados, 2003.
- _____. Prefácio. IN: SEVERINO, F. E. S. (Org.) **Ética e Formação de Professores: política, responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GUZZO, V. As dimensões ética e política na formação docente. IN: SEVERINO, F. E. S. (Org.) **Ética e Formação de Professores: política, responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIPOVETSKY, G. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MINAYO, M. C. de S., (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MOUFFE, C. **The Return of the Political**. Tradução de Ana Cecília Simões. Lisboa: Gradiva, 1996, p. 121-203.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2010.
- RIOS, T. A. **Ética e Competência**. São Paulo: Cortez, 2011.
- SEVERINO, A. J. Fundamentos ético-políticos da educação no Brasil de hoje. IN: LIMA, J. C. F. (Org.). **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006.
- _____. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
UNIOESTE. **PPP do Curso de Pedagogia**. Francisco Beltrão. Resolução CEPE n° 374/2007.
VEIGA, I. P. A.; VIANA, C. M. Q. Q.. Formação de professores: um campo de possibilidades inovadoras. IN: VEIGA, I. P. A.; SILVA, E. F. da (Orgs.). **A escola mudou. Que mude a Formação de professores!** Campinas/SP: Papyrus, 2010.